

BRASÍLIA: A ARTE SEM FRONTEIRAS



Aloisio Brandão

O fato de Brasília ser uma cidade muito jovem não impede que seus artistas sejam conhecidos. Pessoas ligadas ao cinema e teatro mostram-se satisfeitas com a frequência aos espetáculos, como o JBr mostrou no domingo. Mas, assim como músicos, escritores e artistas plásticos, eles precisam de muita criatividade para divulgar seus trabalhos

Se por um lado Brasília não possui uma sociedade formada e sedimentada, e conseqüentemente não dispõe de uma tradição cultural que torne seus artistas conhecidos do público, por outro lado a cidade oferece condições para que se faça uma arte sem pátria, que utilize uma nova linguagem. A opinião é do poeta Chico Leite, um dos editores da revista *Há Vagas*. Para ele, há uma consciência entre a população de Brasília de que se produz arte na cidade, e que os artistas devem lutar pela divulgação de seus trabalhos.

"O que existe em Brasília é uma grande antropofagia", afirma Chico Leite. "Isto porque aqui se reúnem os valores de todas as regiões do país, levando a uma grande incorporação artística. A linguagem utilizada pela *Há Vagas* é exatamente esta, e a revista tem sido bem recebida por diversas faixas da população. De estudantes do segundo grau a funcionários públicos, que são pessoas tidas como alheias às manifestações artísticas".

O poeta lembra ainda que, se Brasília foi feita para ser uma cidade de funcionários públicos, ao mesmo tempo foi criada uma tradição em sentido inverso. "Na época em que o movimento estudantil era o mais forte sinal de contestação no país, o de Brasília se destacou", afirma. "Acredito que a proximidade do poder levanta nas pessoas um sentimento de antítese, de antipoder".

Chico Leite acredita que é necessário que se crie em Brasília um trabalho artístico definitivo, em termos de processo, já que os movimentos culturais na cidade são rápidos — "guerrilhas" — e a cidade acaba não criando uma memória cultural. "Um movimento permanente vai ficar na cabeça das pessoas", garante ele.

Para o poeta, a busca de um público para o trabalho do artista pode ser feita através de um movimento "antropofágico", que incorpore todas as tendências, como no caso da revista *Há Vagas*, ou através de uma mensagem dirigida, mais utilizada pela indústria cultural. Mas ele acredita que o sucesso da publicação se deve à op-



Chico Leite

ção pela antropofagia, que a tornou bem recebida tanto por universitários quanto por estudantes de segundo grau.

O escritor Lourenço Cazarré, autor de *Enfeitados Todos Nós*, premiado pela Bienal Nestlé de Literatura e lançado no mês passado pela Editora Melhoramentos, também tem sido bem recebido pela faixa de público mais jovem, na faixa de 16 a 18 anos. Ele acredita que o interesse desse segmento da população não é característico de Brasília, e observa que só agora começa a se formar no país uma geração de leitores, o que pode ser comprovado pela ascensão da literatura infantil.

"O público adulto de Brasília, não é assim tão diferente do de outras grandes cidades brasileiras", observa ele. "Rio de Janeiro e São Paulo, também são cidades-pólo, que atraem um grande número de pessoas de fora. Não sei até que ponto essa característica de Brasília distancia o artista de seu público".

O importante, para Cazarré, é que existe um interesse grande de estudantes de segundo grau, uma geração "que está antenada para a discussão dos problemas atuais, ao contrário do que pensam algumas pessoas". Ele ilustra sua opinião citando o caso de 300 estudantes do Centro Educacional número 3, do Guará II, que leram seu livro *Os Bons e os Justos* e o convidaram para um debate, levantando questões que chegaram a surpreendê-lo. "Para um escritor novo, isso é sempre inesperado. Temos que



Lourenço Cazarré

apoiar iniciativas de professores que procuram utilizar textos de autores locais, que incentivam a leitura dos livros e em seguida levam os autores a discutir com os alunos".

Para Cazarré, a literatura brasileira tende a crescer através desse trabalho e também à medida que surgirem autores mais jovens, que utilizem a linguagem da cidade e falem de seus problemas mais próximos.

Posição semelhante é defendida pelo livreiro Ivan da Silva, da Livraria Presença, que acredita que o potencial de público de Brasília poderia ser melhor explorado. "Para isso, é necessário que o artista local divulgue mais o seu trabalho, promovendo espetáculos e lançamentos em shopping centers, e também aglutinando as várias áreas artísticas", defende Ivan.

Uma coisa, para ele, é certa: "essa história de que Brasília é cidade de funcionários públicos é falsa, isso não existe. As pessoas são comuns, como todas as outras". Ivan lembra que artistas e grupos com o devido poder de comunicação são capazes de lotar teatros, vender muitos livros e atingirem o público. "É claro que Brasília não é ainda uma cidade como Rio ou São Paulo, e por isso não se pode exigir que tenhamos um Mário Quintana ou um Jorge Amado. A cidade é nova, e a formação de uma comunidade é conseguida aos poucos. Mas temos autores que poderão atingir, o mesmo nível dos de outros centros".

Um som muito caro

Uma outra questão, no entanto, é levantada pelo músico Aloisio Brandão, em relação ao público de arte de Brasília: "Toda coletividade teme o novo, recusa-se a apostar no novo, tanto em Brasília quanto em qualquer lugar do mundo. Os valores demoram para se quebrarem. Como Brasília é uma cidade nova, isto acaba sendo uma coisa além do normal".

A culpa de tudo isso, para Aloisio, é dos próprios artistas locais, que não dão continuidade a seus trabalhos. "O artista novo precisa insistir, fazer vários shows, e a persistência é que vai torná-lo conhecido e respeitado".

Aloisio lembra que Brasília já tem trabalhos mais persistentes, e lembra como exemplo o coral *Tonto de Tanto Canto*. Para ele, só assim se conseguirá abrir portas e conseguir apoio, já que tudo isto hoje tornou-se difícil. "Falta espaço e estrutura. O som é sempre muito caro. Órgãos como a Funarte estão mais atentos aos grupos que vêm de fora, e só apóiam os brasilienses que garantem lucro. Além disso, as necessidades estéticas de hoje exigem que o artista seja acompanhado de uma banda. E também as formas alternativas de divulgação do trabalho acarretam despesas".

Aloisio define o público de Brasília como uma população que vive de gravata e só a tira nos finais de semana para procurar os bares, com o objetivo de "substituir as opções que julga não existir". E lembra que, "embora não seja pessimista, pela minha ótica as coisas não mudarão tão breve como muitos pensam". Esta posição, segundo ele, é devida à própria estrutura do país, e não só de Brasília. "No Brasil, a arte é relegada a um plano inferior, e as prioridades são sempre outras".

Saídas? Aloisio acredita que os artistas locais devem se unir e criar cooperativas para se ajudarem mutuamente — por mais diferentes que sejam seus trabalhos ou suas perspectivas. Isso poderia, segundo ele, criar um elo de ligação entre os artistas e o público, que por si só, garante, não vai mudar. "E devemos confiar no público jovem, que é o que há de mais bonito em Brasília".

Fazer crescer seu público fiel é também uma das batalhas do *Liga-Tripa*, grupo musical muito conhecido na cidade, especialmente pelos frequentadores de certos bares da moda — onde seus músicos costumam chegar de surpresa para fazer seu som, arrastando os frequentadores, quando saem. O violonista Ita Catta-Preta afirma que, embora os fãs do grupo formem um público eclético, seu número não cresce. "Nosso público é fiel, mas não se altera", lamenta ele.

Ita reclama de um maior apoio da imprensa, para fazer frente à indústria cultural do Rio e São Paulo que acaba impondo seus valores. "A situação de Brasília não é diferente das demais cidades, fora do eixo Rio/São Paulo", afirma ele. E lembra que "apoio oficial é coisa que nem adianta esperar".

E as plásticas?

Nas artes plásticas, os artistas também reclamam da falta de público. "A maioria das pessoas que visitam as exposições são os próprios artistas", afirma José Maria, que utiliza como temas de seus quadros o homem e a paisagem brasilienses. Ele prevê que somente dentro de cinco anos, apesar do pessimismo de alguns, essa situação vai mudar. E reclama maior empenho da Fundação Cultural do Distrito Federal, "que só cede espaço, quando deveria trabalhar por uma divulgação maior".

José Maria convoca seus colegas artistas para batalharem mais o apoio do público, eliminando-se a acomodação. "Temos que ir para a rua, mostrar nosso trabalho para o povo", afirma.

Já Cláudia Pereira, da Galeria Paulo Figueiredo, tem visão mais otimista. Em termos econômicos, Brasília é promissora, afirma. "A cidade possui a maior renda familiar do país. Só não podemos ainda definir públicos, porque ainda não temos tradição cultural própria".

Segundo Cláudia, o movimento das galerias é pequeno, e a maior parte dos frequentadores é originário das embaixadas e do Itamarati, além de artistas das diversas áreas.